

Sarney: reforma agrária é falha

JULIO ALCANTARA

CORREIO BRAZILIENSE

O Presidente da República fez ontem a autocritica do Governo ao afirmar que o programa de reforma agrária não está funcionando como estava previsto. Sarney atribuiu o atraso à desatualização do Estatuto da Terra e "à burocracia do Judiciário", "todos responsáveis pelo atraso do programa".

O reconhecimento de que o programa de distribuição de terras é falho foi feito na posse do novo ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário — Marcos Freire, no Palácio, em solenidade à qual assistiram a maioria dos ministros, os presidentes da Constituinte e da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, e do Senado, Humberto Lucena, além de dezenas de parlamentares. O presidente Jo-

sé Sarney manifestou esperança de que o novo ministro possa avançar mais na execução das metas do programa, recomendando, ao mesmo tempo, o "abandono de fórmulas individualistas" e que procuremos, "com imaginação, buscar fórmulas cooperativistas, de modo a alcançar maior número de pessoas e de brasileiros que necessitam, esperam e desejam que esse programa tenha absoluto sucesso, sobretudo em favor do sofrido lavrador brasileiro".

O Presidente voltou a afirmar que a reforma agrária é uma prioridade do Governo e disse que não faltará a Marcos Freire o apoio dado aos seus antecessores, ministros Nelson Ribeiro e Dante de Oliveira.

Concordando com o Presidente da República, o presidente da Sociedade Rural Brasileira, Flávio Teles de Menezes, afirmou que a defasagem do Estatuto da Terra é uma realidade e que o programa de distribuição de terra tem metas ambiciosas mas apenas a Assembléia Nacional Constituinte é que vai possibilitar a adequação do processo da reforma agrária.

Para Flávio Menezes, quanto ao Judiciário não têm sentido as críticas do presidente José Sarney, porque aquele poder apenas aplica a lei. O que é preciso, afirmou, é se estabelecer processos sumários para que as decisões relacionadas com a reforma agrária tenham maior agilidade.

"Terras devem ser produtivas"

"E inquestionável que terras ociosas com fins especulativos contrariam, no seu mais amplo sentido, as normas éticas que regem a propriedade privada, condicionada, necessariamente, à sua função social". A afirmação é do novo ministro da Reforma Agrária, Marcos Freire, ao tomar posse ontem, em solenidade no Palácio do Planalto.

Marcos Freire disse que embora se imponham alterações e aprimoramento na ordem jurídica positiva, já se têm conquistado instru-

mentos legais, inclusive o Estatuto da Terra, que exige que a terra, como fator de produção, tenha que ser produtora de riquezas. O novo ministro afirmou que vai trabalhar na nova função buscando a colaboração de todos, "em especial dos sindicatos dos trabalhadores rurais e da Igreja", com o objetivo de fazer as opções que "forem mais consentâneas com as nossas necessidades e as nossas possibilidades".

O novo titular do Mirad disse não desconhecer as

dificuldades políticas que cercam a questão agrária, "com implicações ideológicas culturalmente arraigadas na sociedade, gerando distorções na compreensão do real". Para Marcos Freire, não é preciso rediscutir o que já é definido pelos seus antecessores, em termos de proposições e projetos em andamento ou à espera de implementação. O que preciso é ampliar e estabelecer prioridades, "numa ação que queremos a mais dinâmica possível".



Marcos Freire prometeu buscar apoio na Igreja e nos trabalhadores

Freire toma posse no Mirad

Ao assumir ontem à tarde o Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (Mirad), o ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Marcos Freire, disse que não vem "com soluções prefixadas, prontas e acabadas para o Brasil" e que buscará a colaboração dos trabalhadores rurais e da Igreja. Ele pediu aos que ocupam cargos de confiança no Mirad e no Inbra, que permanecem até que possa ajustar a equipe no que for necessário.

A direita do novo ministro, o presidente da CNA (Confederação Nacional da Agricultura), ex-senador Flávio Brito, e o ministro da Agricultura, Iris Rezende, que foi ministro da Reforma Agrária por apenas 48 horas, uma façanha jamais alcançada por outro ministro. Um fato que chamou a atenção: o presidente do Inbra, Ruben Ilgenfritz, não foi convidado para compor a mesa.

Quem vetou o nome de Ilgenfritz foi o assessor parlamentar da Caixa Econômica, Aloisio Davis Neto, informou uma fonte do primeiro escalão do Inbra.

"Queremos também registrar a presença do presidente do Inbra", disse o mestre de cerimônias. Ao que Ilgenfritz, que estava em pé, disse sério a um diretor do órgão: "Registramos".

Apesar de não ter confirmado, sabe-se que Marcos Freire já teria convidado para a presidência do Inbra o economista e sociólogo Antônio Baltar, considerado um dos expoentes da esquerda cristã. Baltar, além de sua formação humanista, é considerado um eficiente administrador.

A parte final do discurso de Marcos Freire foi de improviso. Ele se dirigiu ao presidente da Abra, Plínio de Arruda Sampaio, afirmando que no momento estão em partidos diferentes, mas na mesma trincheira de luta. "Plínio, eu não poderia fugir aos ônus de ser governo", disse Marcos Freire, já bastante emocionado.

Citou também o presidente da Contag, José Francisco da Silva, pernambucano como o ministro. Depois de elogiar José Francisco, manifestou sua esperança "da intimidade

que quero ter com os trabalhadores até quando tivermos que divergir".

Em uma rápida entrevista coletiva, Marcos Freire não quis entrar em detalhes sobre seus planos para o Mirad e Inbra. Ele negou que o PMDB de Pernambuco esteja em crise em função de sua mudança da Caixa para o Mirad. "Ouvi algumas considerações do governador Miguel Arraes e da bancada do partido de que a Caixa era um melhor instrumento para canalização de recursos para Pernambuco e o Nordeste, o que é inquestionável".

De acordo com Marcos Freire, "o problema da reforma agrária é algo que se projeta no tempo". Ele entende que sob este aspecto, "o governador Arraes tinha razão quando dizia que Pernambuco poderia sair prejudicado, já que a Caixa é instrumento muito rico". Freire revelou que durante uma reunião com Arraes e as principais lideranças do PMDB, o governador concordou que ele não teria como recusar este convite.